

## o Evangelho de Mateus: uma catequese para os nossos dias

A TRANSMISSÃO E O INCENTIVO à vivência da fé nas nossas comunidades constituem-se em verdadeiros “nós” da ação evangelizadora. Se, por um lado, o ambiente familiar se torna sempre menos propício para o cultivo da fé e da religião, por outro, as comunidades eclesiais são incapazes de pensar uma pedagogia adequada ao âmbito da catequese. A transmissão de doutrinas

ou a insistência em conteúdos irrelevantes são, ainda, práticas catequéticas comuns. Juntem-se a isso a catequese oferecida em ambientes que se parecem com salas de aula, e a catequese em função dos sacramentos: catequese de batismo, catequese de primeira comunhão, catequese de crisma, como se a vida de fé se reduzisse a esses momentos eventuais e separados.

Os frutos da catequese pensada nestes termos estão à vista: dificuldade de criar um espírito eclesial/comunitário nos batizados, ausência de ardor missionário, proliferação de práticas devocionais incapazes de gerar uma religião comprometida com o projeto de Jesus, abandono da Igreja e das práticas de fé, transformação da liturgia em encontros barulhentos, sem qualquer espaço para a interioridade, aparecimento de gurus, especialmente os oriundos dos meios de comunicação, desempenhando a função de líderes religiosos. A lista dos malefícios da catequese proposta com pedagogia, didática e conteúdos inadequados, pode ser muito alargada ainda.

A catequese do evangelista Mateus, que será lida nos domingos do Tempo Comum, contém pistas preciosas para o nosso fazer catequético, apesar da distância no tempo e no espaço. O seu lugar de origem foi a comunidade cristã de Antioquia que, naquela época, pertencia à Síria, por volta dos anos oitenta. Nas margens do Mar Mediterrâneo, esta cidade era a sede do Império Romano do Oriente, o local de onde se fazia o controlo dos povos dominados pelo poder imperial, naquela parte do mundo. A convivência com os romanos suscitava uma série de problemas às comunidades cristãs, de modo especial, no referente ao culto prestado ao imperador, abominado pelos discípulos de Jesus de Nazaré. A mentalidade imperial, centrada na violência, na força das armas e no espírito de grandeza, contrastava com o projeto de vida das comunidades cristãs, focado no amor, no perdão e no serviço ao próximo. Praticar a fé em tal contexto, pressupunha fazer frente ao gigante imperial, com os riscos inerentes a essa opção. Ser discípulo de Jesus significava optar

por uma vida arriscada.

Por outro lado, a comunidade de Mateus passava por sérias dificuldades, na sua relação com as sinagogas dos judeus. Até àquele momento, as comunidades cristãs estavam inseridas no ambiente judaico, consideradas como mais um movimento dentre as várias correntes do judaísmo. Na catequese de Mateus, o grupo mais referido é o dos escribas e fariseus, apresentados como inimigos de Jesus, sempre à espreita para lhe colocar armadilhas, com a finalidade de o apanhar em falso nalguma palavra, e terem uma oportunidade de o denunciar, quer às autoridades religiosas, quer aos romanos que mantinham os povos do Oriente sob o seu domínio.

A comunidade de Mateus sofria uma forte pressão para abrir mão da sua identidade cristã, correspondente à maneira como Jesus de Nazaré entendia e vivia a fé judaica, para se submeter às imposições das lideranças da sinagoga que, naquela ocasião, tentava fazer uma grande reforma no judaísmo, gravemente ferido com a destruição do Templo de Jerusalém, no ano setenta, pelas tropas romanas.

O evangelista Mateus elabora a sua catequese, de forma a ajudar os irmãos na fé, a enfrentar os desafios que provêm, quer do ambiente romano, quer do ambiente judaico. Havia, também, problemas gerados no interior da comunidade cristã, como era o caso do autoritarismo dos líderes, a marginalização das mulheres, das crianças e dos considerados pecadores, o enfraquecimento da fé, inclusive dos líderes. Os problemas surgiam de todos os lados

Analisemos dez lições que o Evangelho de Mateus nos oferece, quanto à pedagogia catequética nas comunidades

cristãos.

### **1. Fazer catequese a partir da vivência da fé**

A primeira lição ensina-nos a fazer catequese a partir das questões levantadas pela vivência da fé, de modo especial, nos momentos de crise, quando é grande a tentação de abandonar tudo e romper com o projeto Jesus de Nazaré. Em Mt 24, 12, Jesus alerta para o facto de, “pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriar. Aquele, porém, que se mantiver firme até ao fim, será salvo”. O catequista Mateus não está interessado em ensinar os seus irmãos de comunidade a interpretar a Lei de Moisés, como faziam os escribas e fariseus, mas sim, a transmitir-lhes uma sabedoria de vida que lhes permita caminhar com sentido, embora perseguidos. Só assim poderão viver a bem-aventurança da perseguição, sem se deixarem abalar. São para eles estas palavras de Jesus: “Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos céus, pois também assim perseguiram os profetas, que vos precederam” (Mt 5,11-12). A fidelidade ao projeto de vida abraçado por causa de Jesus há de torná-los como uma casa construída sobre a rocha. “Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha” (Mt 7,25).

### **2. Transmitir a fé, narrando a vida de Jesus de Nazaré**

Uma segunda lição a aprender com o catequista Mateus consiste em transmitir a fé, narrando a vida de Jesus de Nazaré. A sua catequese é construída a

partir daquilo que a comunidade conservou e transmitiu da vida e do testemunho do Mestre. Ao contrário dos escribas que tomavam como base a Lei e se punham a interpretá-la, Mateus, possivelmente um escriba que se tornou “discípulo do Reino dos Céus” (Mt 13,52), parte de uma pessoa. O formato dos evangelhos permite seguir o itinerário de Jesus, desde o nascimento até à morte e ressurreição, e fazer dele o catequista do leitor/ouvinte e da comunidade, por meio de suas palavras e ações. A contemplação e a escuta do Mestre, quando feitas com sinceridade de coração, têm a força de penetrar no coração da pessoa de fé, e de a transformar a partir do mais íntimo. Esta pedagogia catequética exige o comprometimento de quem faz o percurso da fé, tirando-o da passividade de quem escuta lições de doutrina, com a finalidade de a aceitar, mesmo sem a compreender, como exigência das igrejas. Santo Inácio de Loyola fala de “conhecimento interno de Jesus Cristo”, que podemos contrapor ao conhecimento externo e superficial, ou ao conhecimento puramente racional. Quem conhece Jesus Cristo internamente, deixa-se moldar por ele, ao escutar o seu convite: “Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29).

### **3. Insistir na centralidade do Reino de Deus**

A terceira lição que aprendemos de Mateus diz respeito à centralidade do Reino de Deus na catequese. O imperativo “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33) corresponde ao fundamento da vida do discípulo. A expressão Reino de Deus significa o senhorio de Deus na vida das pessoas e da sociedade.

Onde o Reinado de Deus acontece, não existe espaço para o egoísmo, a violência, as divisões e tantas outras formas de destruição da “imagem e semelhança de Deus” que cada ser humano traz consigo. O Reinado de Deus afasta, para longe, qualquer tipo de idolatria, situação em que as criaturas ocupam o lugar do Criador e impõem a sua tirania, de modo especial, sobre os mais fragilizados da sociedade. Assim acontece com o ídolo do dinheiro, do poder, do saber, do narcisismo e com tantas outras maneiras de afastar Deus do coração humano. A busca continuada do Reino de Deus permite, à pessoa de fé, conhecer a vontade de Deus e, como Jesus nos ensina a rezar, a lutar para que ela “se realize, assim na terra como no céu” (Mt 6,10), ou seja, sempre e em toda a parte. Torna-se inútil a catequese cujo efeito primeiro e fundamental não for tornar o querer divino conhecido e assimilado, o centro da vida do catequizando, como aconteceu com Jesus de Nazaré, a quem o próprio Deus reconhece como “o meu Filho amado, em quem pus toda a minha complacência” (Mt 3,17; 17,5). Quem abraça o Reino de Deus e se deixa guiar pela justiça do Reino, como Jesus, torna-se, também, Filho amado, pela obediência e docilidade ao querer do Pai, e ao seu projeto de amor misericordioso para a humanidade.

#### **4. Mostrar como o Espírito Santo está presente e ativo na nossa vida de fé**

A quarta lição da catequese de Mateus, diz respeito à presença do Espírito Santo na nossa vida de fé. O Espírito de Deus está na origem da existência de Jesus de Nazaré, “obra do Espírito Santo”, como diz o anjo do Senhor em Mt 1,20. Portanto, no ADN de Jesus

estão a santidade e o dinamismo divinos, que o moverão a agir em conformidade com o querer do Pai, até à morte de cruz. Trata-se do espírito de ação, da entrega da própria vida ao serviço da misericórdia e à prática do bem. O Espírito de Deus aparecerá por ocasião do batismo, “descendo como uma pomba” (Mt 3,16), recordando o espírito (ruah) de Gn 1,1, como se naquele momento acontecesse em Jesus a criação ansiada por Deus, desde o começo dos tempos. Como nova criatura, Jesus foi investido pelo Pai nas tarefas do Reino. O Espírito aparece levando Jesus “ao deserto para ser tentado pelo demónio” (Mt 4,1), e dá-lhe força para enfrentar a tentação da infidelidade ao querer do Pai, e para se manter firme até à morte de cruz. Quando, no final da catequese, Jesus envia os discípulos em missão, manda-os batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), sublinhando que a vida dos discípulos do Reino, como a caminhada do Mestre, será dinamizada pelo Espírito de Deus. Por isso, durante a missão, nos momentos de dificuldade, deverão manter-se seguros “porque não sereis vós a falar, mas o Espírito de vosso Pai é que falará por vós” (Mt 10,20). Esta teologia missionária/apostólica do Espírito Santo, deve ser retomada na nossa catequese, face a uma espécie de pentecostalismo selvagem que alastra pelas nossas igrejas, sem qualquer conexão com a catequese cristã original.

#### **5. Formar discípulos e discípulas, instruídos pelo Mestre Jesus, que é “manso e humilde de coração”**

A quinta lição da catequese de Mateus diz respeito à formação dos discípulos do Reino. Afinal, foi essa a meta visada pelo evangelista, quando se dispôs a

redigir o seu evangelho. Ou seja, o seu interesse não consistiu em recuperar a história de Jesus de Nazaré, pura e simplesmente. Ao falar do Mestre, isso sim, o seu olhar voltava-se para os irmãos e irmãs de comunidade, desafiados por todos os lados, na sua condição de seguidores de Jesus. O Jesus Mestre de Mateus torna-se, ele próprio, o catequista da comunidade, para a qual propõe um projeto de vida, como é o caso do Sermão da Montanha (Mt 5-7), traça um projeto missionário (Mt 10), dá as chaves para compreendermos de que forma o Reino de Deus acontece na história, os chamados “mistérios do Reino” (Mt 13), indica como deve ser a vida em comunidade (Mt 18) e, por fim, ensina como se deve viver no presente, à espera da plenitude do Reino (Mt 24-25). São estes os cinco grandes discursos da catequese de Mateus, nos quais Jesus instrui a comunidade com os seus ensinamentos. Os gestos do Mestre, por sua vez, completam os ensinamentos das palavras. Cada um dos seus atos, em favor dos pequenos e marginalizados, se transforma numa lição de vida para os discípulos. Ao contemplá-los, o discípulo do Reino defronta-se com o desafio de assimilar um modo de atuar, que será uma sua característica distintiva no trato com todas as pessoas, sem distinção, com quem se cruzar no seu caminho.

Na formação do discipulado, Mateus insiste em que o discípulo do Reino deve ter como meta a perfeição do Pai – “Sede perfeitos, como o Pai dos céus é perfeito” (Mt 5,48) –, no sentido de o seu trato com os semelhantes, se refletir no modo de proceder de Deus. Desta forma, a “justiça” do discípulo será superior à dos escribas e fariseus (Mt 5,20), pois terá como foco a mise-

ricórdia do Pai, que “quer misericórdia e não sacrifício”. Esta citação do profeta Oseias 6,6 surge duas vezes no evangelho de Mateus (Mt 9,12; 12,7), para reforçar que tudo quanto o discípulo do Reino faz, deve ser motivado pela misericórdia, seguindo os passos de Jesus de Nazaré.

Mateus insiste com os irmãos e irmãs da comunidade, a fim de não seguirem o exemplo dos escribas e fariseus que, no seu tempo, se apresentavam como modelo de pessoas religiosas. Nesse movimento, havia pessoas exibicionistas que, quando davam esmolas, tocavam trombetas em público, “com o propósito de serem elogiados pelos homens” (Mt 6,2); rezavam “em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos homens” (Mt 6,5); desfiguravam o rosto quando jejuavam “para serem notados pelos homens” (Mt 6,16). No evangelho, muitas vezes, Jesus chama “hipócritas” a essas pessoas. Mt 23 concentra uma série de “ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”, para denunciar atitudes que podem acontecer em qualquer comunidade cristã, inclusive hoje em dia. De facto, o evangelista está preocupado com os cristãos hipócritas da sua comunidade, que dizem uma coisa e praticam outra. Daí nos ter mostrado o Mestre Jesus a censurar esse desvio de conduta. O modo de proceder do discípulo tem como padrão o modo de proceder de Jesus que, em tudo, foi obediente e submisso ao querer do Pai dos Céus.

## **6. Ensinar a valorizar o quotidiano, onde a salvação acontece nos pequenos gestos de misericórdia**

A nossa sexta lição diz respeito à valorização do quotidiano. Na comunidade

de Mateus havia gente preocupada em conhecer o momento preciso do fim do mundo (Mt 24,3). Esse tipo de preocupação leva as pessoas a concentrarem-se no futuro e a esquecerem-se do presente. Cada vez que alguém “prevê” o fim do mundo, há quem fique angustiado e se deixe seduzir por líderes religiosos fanáticos, com as suas propostas estapafúrdias. Na catequese de Mateus, os discípulos do Reino são ensinados a perceber a presença de Jesus Ressuscitado, mesmo nas pequenas ações. Por isso, quando alguém dá de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, acolhe os peregrinos, oferece roupa a quem está nu, visita os doentes e prisioneiros está a ser misericordioso com o próprio Jesus. Por isso, no final da sua caminhada, ouvirá as palavras de acolhimento: “Vinde, benditos do meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde o princípio do mundo” (Mt 25,34). Há um elemento nas palavras de Jesus que desperta a nossa atenção: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). A salvação acontece no quotidiano, de modo muito especial, quando o discípulo do Reino se mostra sensível ao sofrimento dos irmãos e das irmãs sem reconhecimento social e religioso. Os pequenos passos do dia a dia vão-se direcionando para Deus, autor da nossa salvação.

Quem opta pelo egoísmo e pela insensibilidade no trato com os irmãos e irmãs “mais pequeninos” cada vez mais se afasta da salvação. Resultará daí a infeliz experiência de escutar do Senhor do Reino as terríveis palavras: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o demónio e para os seus anjos” (Mt 25, 41). A

certeza de estar no caminho da salvação, talvez, pela fidelidade à Lei de Moisés e às práticas culturais, revelar-se-á enganadora, quando o discípulo passar pelo crivo da misericórdia. Vale a pena ler Mt 7,21-23 – “Nem todo aquele que diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas sim, aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos, e em teu nome que expulsamos demónios, e em teu nome que fizemos muitos milagres? Então, eu dir-lhes-ei: ‘Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade’”.

Este ensinamento da catequese de Mateus desmascara aquelas pessoas que se consideram muito religiosas, por praticarem uma religião moralista, legalista e excludente, por serem fideíssimas às normas das igrejas, mas que não se preocupam com a misericórdia e o cuidado com o seu semelhante (Mt 23,23). As palavras de Jesus, na catequese de Mateus, devem servir de alerta para quem investe num tipo de religião vazia, sem força de salvação, a religião dos escribas e fariseus hipócritas de todos os tempos.

## **7. Motivar a prática da fraternidade, do perdão e do acolhimento ao membro da comunidade de fé, a igreja dos discípulos e discipulas do Reino**

A sétima lição que Mateus nos oferece aborda o tema da vida em comunidade, por outras palavras, o nosso modo de ser Igreja. Vou deter-me, apenas, num aspeto: a questão das lideranças das comunidades cristãs. O princípio das relações na comunidade está formulado em Mt 23,8-12: “Não vos deixeis tratar

por ‘mestres’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos. A ninguém, na terra, chameis ‘Pai’, pois um só é o vosso Pai, aquele que está no Céu. Nem permitais que vos tratem por ‘doutores’, pois um só é o vosso ‘doutor’: Cristo. Que o maior dentre vós seja aquele que vos serve. Quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado”.

A declaração “Vós sois irmãos” coloca todos os membros da comunidade em pé de igualdade, sem hierarquias nem classes. O batismo iguala todos os discípulos e discípulas do Reino. Na igreja do Reino, não existem maiores e menores em dignidade. Existe, sim, distinção de ministérios, de serviços. Porém, em nome do ministério, ninguém tem o direito de se considerar superior aos irmãos. Falando fora da catequese de Mateus, podemos dizer que o sacramento da ordem não pode ser considerado superior ao sacramento do batismo; e os padres e bispos não podem considerar-se superiores aos restantes batizados, mas sim, servidores das comunidades dos discípulos do Reino, a Igreja.

Em Mt 18, Jesus ordena: “Não desprezeis nenhum destes pequeninos” (v. 10), pois “não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (v. 14). Portanto, todos devem ser valorizados na comunidade. Quem cai na tentação de maltratar os membros mais frágeis da comunidade, está a agir no sentido contrário ao do Mestre Jesus. A atitude correta consiste em incentivá-los a perseverar na caminhada da fé, procurando que não desanimem. Se, por acaso, fraquejarem, a comunidade com os seus líderes, deve estar disposta a perdoar ao faltoso “até setenta vezes sete vezes”

(v. 22), ou seja, sempre.

Para evitar que algum membro desviado caia nas mãos de líderes autoritários, Jesus aponta um expediente no qual a comunidade conduz o processo, sem depender do ponto de vista dos líderes (Mt 18,15-20). O primeiro passo consiste em alguém conversar com o irmão faltoso em particular. Se esse primeiro passo não surtir efeito, então, será abordado por mais uma ou duas pessoas, em conjunto. Se o segundo passo também se mostrar ineficaz, então, toda a comunidade se reunirá, em oração, para se perguntar: o que quer o Pai dos Céus que façamos com este irmão transviado? A comunidade em discernimento deverá estar consciente de ter Jesus no meio dela, pois ele mesmo garantiu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (v. 20). Ou seja, trata-se de fazer a vontade do Pai dos Céus e não a dos líderes. A função destes consiste em ajudar a comunidade a ser fiel ao máximo à vontade de Deus, que deve ser realizada “assim na terra como no céu” (Mt 6,10), porém, sem imporem as suas ideias.

## **8. Criar uma visão aberta de humanidade, superando a atitude de seita, gueto e “panelinha”**

A oitava lição que nos oferece a catequese de Mateus refere-se à visão aberta de humanidade, superando a mentalidade sectária, de guetos, de panelinhas, tão cultivada por muitos que se dizem cristãos. Este tema inicia e encerra a catequese de Mateus. É a isto que os estudiosos de Mateus chamam inclusão. A inclusão serve de moldura para a mensagem, e torna-se uma pista para a interpretar. Neste caso, significa que só terá entendido a catequese quem

tiver a mente e o coração abertos para compreender o amor do Pai dos céus abarcando a humanidade inteira, sem qualquer discriminação, pois todos os seres humanos são filhos e filhas, para além da classificação de “maus e bons”. Por isso, “o Pai que está nos céus, faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45).

Na abertura da catequese de Mateus, encontramos a figura dos “magos do Oriente”, vindos a Jerusalém em busca do recém-nascido, rei dos judeus, guiados por uma estrela, com o propósito de o adorar (Mt 2,1-2). No meio de muitas peripécias, chegam, finalmente, ao destino: “Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Em seguida, abriram os seus cofres, e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra” (Mt 2,11). É o que acontece com muitas pessoas de boa vontade que, ao buscarem a salvação, se defrontam com a pobreza e a simplicidade do Messias Jesus, que tem consciência de ser o Filho de Deus.

Na conclusão da catequese, temos dois episódios interessantes. O primeiro diz respeito à reação do oficial romano e seus subordinados, face à ressurreição de Jesus. A primeira confissão de fé – “De facto, este era verdadeiramente filho de Deus!” (Mt 27,54) – brota da boca de um não-judeu, ou seja, um pagão. O segundo refere-se ao envio missionário: os discípulos recebem a missão de fazer outros discípulos “em todas as nações” (Mt 28,19). Nenhum povo, cultura, grupo tem privilégio no tocante ao anúncio do Reino. Jesus estende a fraternidade do Reino a toda a humanidade. Se os membros da comunidade são “todos irmãos e irmãs”,

como está dito em Mt 23,8, também se pode dizer da humanidade no seu conjunto: todos os seres humanos são irmãos e irmãs. O discípulo do Reino jamais deixará que a xenofobia (ódio aos estrangeiros) tome conta do seu coração, pois tem um coração ecumênico e aberto ao diálogo com todas as religiões e culturas.

Para inculcar esta consciência nos seus irmãos da comunidade, o catequista Mateus recuperou uma cena no ministério de Jesus de Nazaré. Certa vez, o Mestre foi procurado por um oficial romano que lhe solicitava a cura de um seu empregado paralítico. Face à disposição do Senhor de se pôr a caminho para ir atender o pedido e curar o enfermo, o pagão faz uma comovente profissão de fé: “Senhor, não sou digno de te receber sob o meu teto; basta que digas uma palavra e o meu criado ficará são” (Mt 8,8). Estas palavras tocaram, profundamente, o coração de Jesus, levando-o a declarar: “Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé!” (Mt 8,10). Como Jesus, os discípulos do Reino são convidados a perceber a presença da fé para além dos limites das suas igrejas, grupos ou movimentos. Talvez, os de fora vivam a fé com mais verdade que os de dentro, ao praticarem a misericórdia em favor dos irmãos, à margem das práticas religiosas vazias, quando não estridentes e espalhafatosas, bem ao gosto dos escribas e fariseus denunciados na catequese evangélica.

Este tipo de religião desfocada foi denunciado com a parábola dos vinhateiros homicidas, contada por Jesus aos sumos sacerdotes e os fariseus, em plena Cidade Santa, Jerusalém, onde a liderança religiosa se sentia em casa, como se fosse proprietária de Deus.

Jesus conclui a parábola com uma afirmação que retirava o tapete de debaixo dos pés dos seus acusadores: “Eu vos afirmo que o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produza os seus frutos” (Mt 21,43). Os “cabritos” colocados à esquerda do Filho do Homem ficarão chocados, quando virem as “ovelhas” a ser acolhidas festivamente no Reino (Mt 25,31-46). Quanta frustração haverá para aqueles que fecham a porta do Reino a quem não pertence ao seu grupinho, povo, igreja, movimento... Não pertencem à sua “seita”!

O espírito “católico” do projeto de Jesus de Nazaré não se limita a uma Igreja em particular. Toda a comunidade que pretenda ser herdeira do espírito de Jesus e seguir os seus passos, deverá abrir-se para acolher a humanidade que se encarna em todos os seres humanos, sem qualquer exceção.

### **9. Ensinar a arte do discernimento cristão dos “sinais dos tempos”, para não nos deixarmos enganar pelos falsos messias e falsos profetas, anunciadores do fim do mundo**

A nona lição abre-nos para o tema do discernimento dos sinais dos tempos, que permite aos discípulos do Reino caminharem com segurança, no meio dos muitos percalços da vida e da história. Em Mt 24–25, no chamado Discurso Escatológico, Jesus faz um alerta contra “os falsos messias e os falsos profetas” (Mt 24,23) e seus discursos enganadores, à revelia de Deus. A sensatez exige “vigilância”, “porque o Filho do Homem virá na hora em que não pensais” (Mt 24,44), e o discípulo do Reino corre o risco de ser apanhado de surpresa.

A metáfora do ladrão serve de cha-

ve de leitura para a realidade do discípulo do Reino, no seu quotidiano. “Se o dono da casa soubesse em que altura da noite viria o ladrão, vigiaria e não permitiria que a sua casa fosse arrombada” (Mt 24,43). Igualmente, a imagem do “servo fiel e prudente que o senhor pôs à frente da sua criadagem, para lhe dar o alimento em tempo oportuno”. Esse servo cumpre a sua tarefa, e está pronto a prestar contas ao seu senhor a qualquer hora que ele chegar, mesmo de improviso. Já o servo mau, desconhecendo quando o seu senhor vai voltar, “começa a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia dos bebedores”, sendo punido severamente, com “a sorte dos hipócritas” (Mt 24,45-50). Outra imagem é a das dez virgens, metade delas insensatas e metade prudentes, à espera da chegada do noivo. Quem não contou com a possibilidade de o noivo chegar muito tarde e, por isso, deixou de providenciar óleo de reserva, ficará fora da festa (Mt 25,1-12).

A advertência do Mestre dispensa explicações: “Vigiai, porque não sabeis nem o dia nem a hora” (Mt 25,13). A virtude da vigilância, fruto do discernimento continuado, exige comprometimento na construção do mundo querido por Deus – o Reino de Deus – pela senda da caridade, da misericórdia e do cuidado com os pequeninos e fragilizados do nosso mundo. O papa Francisco, um grande discípulo de Jesus de Nazaré, alarga o horizonte da misericórdia e do cuidado para inserir nele a Casa Comum, como componente obrigatório do modo de proceder dos discípulos do Reino. Quando o Senhor vier, deverá louvar a nossa atenção com a sustentabilidade da criação preparada pelo Pai dos céus para seus filhos e filhas.

## **10. Insistir com a comunidade para ser Igreja em saída, para anunciar a Boa-Nova até aos confins do mundo, a todos os povos, consciente da presença do Ressuscitado**

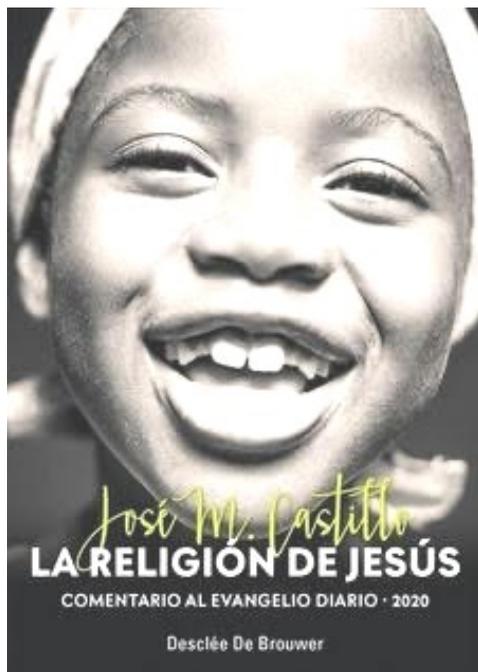
A décima lição aprendida com o catequista Mateus tem muito a ver com um tema caro ao papa Francisco: fazer-nos ser Igreja em saída. O evangelista conclui a sua catequese com a cena do Ressuscitado reunido com os discípulos num monte da Galileia. É o momento em que ouvirão o imperativo que ressoa nos ouvidos e nos corações dos apóstolos: “Ide”. No capítulo 10, conhecido como Discurso Missionário, lemos que Jesus “chamou os doze discípulos, e lhes deu autoridade para expulsar os espíritos imundos e curar toda a espécie de males e enfermidades [...] A estes Doze enviou Jesus com estas recomendações. [...]” (Mt 10,1.5). Diferentemente do que acontece em Marcos e Lucas, onde os discípulos são enviados, cumprem a missão e voltam para prestar contas ao Mestre, em Mateus a execução do mandato missionário só acontecerá no final do evangelho. Aí, sim, os apóstolos são enviados com a tarefa de “fazer com que todos os povos se tornem discípulos” (Mt 28,19). Ninguém pode ser excluído. Os apóstolos devem proclamar o evangelho, “até à consumação dos séculos” (Mt 28,20), seguros de terem consigo o Senhor que prometeu estar com eles todos os dias.

Esta missão não tem volta, pois não será mais necessário retornar para prestar contas ao Mestre da tarefa realizada. Afinal, os discípulos-missionários são acompanhados pelo Senhor que os envia.

A conclusão da catequese de Mateus alerta-nos para a nossa vocação de eternos caminhantes, na esperança de trilharmos todas as veredas e atalhos do mundo, onde se encontra a humanidade carente da Palavra da Salvação, que chegou até nós pela mediação de Jesus de Nazaré. O discípulo/missionário é suposto possuir uma fé adulta, livre das amarras do moralismo dos líderes das igrejas, capaz de enfrentar os desafios da missão, na certeza de ter consigo o mesmo Espírito que acompanhou o missionário Jesus de Nazaré. Com ele, será capaz de viver as bem-aventuranças sem se deixar abater. E, com o seu testemunho de vida, seguindo os passos do Mestre, será um sinal do Reino de Deus, a acontecer entre nós.

Os rumos tomados pela catequese nas nossas Igrejas, ao longo dos séculos, exigem que se regresse às fontes da catequese cristã, centrada na formação de discípulos/missionários. A catequese preocupada em preparar a recepção de sacramentos, pela transmissão de dogmas e doutrinas, mostrou-se ineficaz quando se trata de levar adiante a missão inaugurada pelo Mestre de Nazaré.

O Evangelho de Mateus, catequese narrativa voltada para o discipulado do Reino, contém, nas suas entrelinhas, pistas preciosas para a tarefa catequética das comunidades cristãs de todos os tempos. A sua leitura atenta pode servir de inspiração para os catequistas de hoje, que se dispõem a crescer enquanto discípulos/missionários e, no seguimento de Jesus de Nazaré, a anunciar o Reino de Deus a todas as gentes, até à consumação dos tempos (Mt 28,16-20).



**C**omo é do conhecimento geral, os quatro Evangelhos mais não são do que uma recompilação de breves relatos que nos explicam em que consistiu, e como se realizou, a “humanização de Deus”, naquele modesto e simples galileu, de há quase dois mil anos, que foi Jesus de Nazaré. Tendo em conta que os relatos propostos pelo Evangelho não são, apenas, breves crónicas que reproduzem o que viram, ou talvez o que ouviram, as mulheres e os homens que

assistiram ao que sucedeu, durante a vida de Jesus. Não. Os Evangelhos não são meras “recordações de factos” que, determinadas “testemunhas”, nos relataram. Para além disso – e mesmo, antes disso – os Evangelhos recolhem as “experiências de seguidores”, que os discípulos de Jesus nos transmitem. Olho e olhar não são a mesma coisa. Por isso, as “experiências” que os Evangelhos contêm e nos comunicam, são as “sentinelas do horizonte” último do “humano”, que nos apontam o caminho do Transcendente.



**“A CICATRIZ DE BELÉM”. Banksy. 2019**

O mais recente trabalho do artista **BANKSY** foi revelado na simbólica cidade palestina de Belém, na Cisjordânia: um pequeno presépio em frente a um pedaço de muro perfurado por um obus.

Intitulada “**A CICATRIZ DE BELÉM**”, a obra foi apresentada na passada sexta-feira (18-12-19), e está exposta na entrada do hotel *Walled-Off*, que Banksy abriu, em 2017, na

cidade e cujos quartos dão para o muro construído por Israel em prejuízo dos palestinianos.

Uma parte do muro, com as palavras paz e amor grafitadas, serve de pano de fundo a um presépio numa pequena mesa, com presentes ao pé. O *impacto do obus* no muro provocou um buraco com forma de estrela que fica acima de Maria, José e Jesus, rodeados de uma vaca e de um burro.